



## A argumentação no discurso digital

### Reenquadramentos da “CPI da covid”

**Carolina Siqueira de David**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil  
[orcid.org/0000-0002-3824-3601](https://orcid.org/0000-0002-3824-3601)

**Rejane de Oliveira Pozobon**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil  
[orcid.org/0000-0002-4828-3148](https://orcid.org/0000-0002-4828-3148)

Este artigo analisa os sentidos que os usuários do Twitter concederam à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, mais conhecida como “CPI da covid”. A partir da coleta de 1113 tweets, confere-se dois processos metodológicos aos dados: primeiramente, eles são processados pelo software IRaMuTeQ, que apresenta uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do vocabulário, indicando que as hashtags são affordances que propiciam ações técnicodiscursivas (PAVEAU, 2021); em seguida, eles são submetidos a uma análise a partir da teoria da Argumentação, que permite que seja percebido o reenquadramento da CPI como um acontecimento circense.

**Palavras-chave:** CPI da covid. IRaMuTeQ. Teoria da Argumentação. Twitter.

### Argumentación en el discurso digital

#### Reencuadres de la “CPI de la covid”

Este artículo analiza los significados que los usuarios de Twitter le dieron a la Comisión Parlamentaria de Investigación de la Pandemia, más conocida como “CPI de la covid”. A partir de la recolección de 1113 tweets, se dan dos procesos metodológicos a los datos: primero, son procesados por el software IRaMuTeQ, el cual presenta una Clasificación Jerárquica Descendente (CJD) del vocabulario que indica que los hashtags son prestaciones que brindan acciones técnico-discursivas (PAVEAU, 2021); y luego se someten a un análisis basado en la teoría de la Argumentación que permite percibir el reencuadre de la Comisión como un evento circense.

**Palabras clave:** CPI da covid. IRaMuTeQ. Teoría de la Argumentación. Twitter

### Argumentation in the digital discourse

#### Reframes of the “CPI da covid”

This article analyzes the meanings that Twitter users gave to the Parliamentary Commission of Inquiry of the Pandemic, better known as “CPI da covid”. From the collection of 1113 tweets, two methodological processes are given to the data: first, they are processed by the IRaMuTeQ software, which presents a Descending Hierarchical Classification (DHC) of the vocabulary that indicates that hashtags are affordances that provide technical-discursive actions (PAVEAU, 2021); and then they are subjected to an analysis based on the theory of Argumentation that allows the reframing of the Commission to be perceived as a circus event.

**Keywords:** CPI da covid. IRaMuTeQ. Theory of Argumentation. Twitter

*To be anti-laughter, surely, is just plain ridiculous*  
(Michael Billig, 2001)

## Introdução

Além de trazer o embate entre diversas narrativas – como a sanitária, a política e a econômica, por exemplo – o *acontecimento*<sup>1</sup> da pandemia de covid-19 também desencadeou, de maneira mais localizada, acontecimentos menores e relacionados a ele. Um desses acontecimentos, no caso brasileiro, é a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia – mais conhecida como “CPI da covid” – que teve como objetivo principal investigar as ações e omissões do governo federal na gestão da pandemia<sup>2</sup>, como a liberação de medicamentos ineficazes contra a covid-19 e casos de corrupção relacionados à compra de vacinas. Nesse contexto, a Comissão, que teve duração de 6 meses – de abril a outubro de 2021 – indiciou mais de 70 pessoas, entre elas o presidente da República Jair Bolsonaro, políticos e empresários.

É evidente que acontecimentos como este mobilizam a opinião pública, ainda mais no âmbito em que a CPI foi desenvolvida, tendo grande cobertura midiática. Com reuniões praticamente em todos os dias da semana, tendo depoimentos que normalmente duravam mais de 5 horas por dia, o resumo sobre a CPI ocupava boa parte dos jornais televisivos, impressos e digitais. Além disso, a inquirição e a convocação de novos depoentes – como testemunhas ou investigados – a partir de denúncias ou citações em depoimentos prévios à própria CPI, concedia a ela dinamicidade e interesse contínuo quase como um entretenimento que movimentava os dias dos cidadãos em meio a trabalhos e estudos remotos durante a pandemia.

Sendo assim, os depoimentos, que também tinham a tutela de outras instituições – como *habeas corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal, garantindo ao depoente o direito de permanecer em silêncio para não se autoincriminar – bem como os artigos da Constituição citados, foram trazendo para o vocabulário dos cidadãos novas formas de compreender as narrativas políticas e jurídicas e entender como os espaços de poder são disputados. Se algumas narrativas

---

<sup>1</sup> Aqui, o conceito de acontecimento é aquele que fornece instrumentos para pensar que as narrativas que tentam compreender o que acontece passam por um processo de configuração que vai do acontecimento bruto, isto é, existencial, ao acontecimento-objeto (QUÉRÉ, 2011; 2012), este último associado à dimensão discursiva, precisamente a que nos dispomos a capturar.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148070> . Acesso: 8 set. 2021.

seguiram por um viés humorístico – inclusive com série<sup>3</sup> de episódios dedicados a “comentar” a CPI como um jogo de futebol, com imitações de comentaristas emblemáticos – outras trataram a CPI mais como uma batalha travada por governistas e oposicionistas num embate no qual os últimos seguiram a tecnicidade da ciência. Além disso, a cobertura da CPI pelas redes sociais fez com que seus usuários pudessem dela participar. O relator da Comissão, Renan Calheiros (Partido Movimento Democrático Brasileiro), por exemplo, disponibilizou suas redes sociais digitais Instagram e Twitter para que os “internautas” – nome referido por ele – fizessem perguntas aos depoentes numa maneira de incitar o debate público e a participação da sociedade civil. Esses espaços também estiveram em destaque quando senadores contrastavam as postagens dos depoentes nas redes sociais com os depoimentos em tempo real.

É nesse sentido que este artigo, ao partir do entendimento de que o Twitter é um lugar de disputas discursivas (RECUERO; SOARES, 2020), analisa os sentidos que os usuários da plataforma concedem ao acontecimento político “CPI da covid”. Sendo assim, o artigo divide-se de forma que se disserte sobre as especificidades da plataforma Twitter, apresentando também a #CPIdacovid; em seguida que se apresente os processos metodológicos que são o tratamento de dados via *software* IRaMuTeQ e a teoria da Argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; BRETON, 1999) e, por fim, que se expliquem os resultados, como a utilização do argumento de Reenquadramento para a qualificar a CPI como acontecimento circense.

## 1 A plataforma Twitter e suas *affordances*

Observando pela lente de Gillespie (2018), que condensa os significados de plataforma em arquitetônico, computacional, figurativo e político, parte-se do pressuposto de que a plataforma Twitter, de fato, concede uma estrutura computacional que pode servir como um espaço de ação para fins políticos ou, com uma relação mais estreita com o tema deste artigo, como um lugar em que se produz sentidos para acontecimentos políticos. Essa definição tem afinidade com o que a própria plataforma fala sobre si, como na frase em que diz promover a “conversa pública”<sup>4</sup>, insinuando que o Twitter é um “espaço livre e seguro para conversar”.

---

<sup>3</sup> A plataforma GloboPlay, da Rede Globo, convidou o humorista Marcelo Adnet, para uma série de episódios de 10 a 12 minutos denominada “Adnet na CPI” em que ele “narra” a CPI como se ele fosse o reconhecido comentarista esportivo Galvão Bueno e os senadores e depoentes como se fossem jogadores de futebol.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://about.twitter.com/pt/who-we-are/our-company>. Acesso: 2 fev. 2022.

Aqui, pode ser visto um forte apelo à comunicação pública, devido a alusão a valores como a liberdade e a segurança nas conversas.

Além disso, também se pode entender seu *slogan* “Acontecendo agora”<sup>5</sup> como uma declaração sobre ser um organizador dos acontecimentos sociais, como se fosse possível informar quais são os assuntos mais populares e importantes daquele momento, especialmente pelos recursos proporcionados pela plataforma como o “Assuntos do Momento” (*trending topics*), as *hashtags* (que condensam os tweets sobre determinados temas) e o conteúdo personalizado na aba “Para você”. Especialmente sobre o recurso *hashtag*, Cortez (2021) afirma que as elas são centrais no processo de construção de sentidos no Twitter uma vez que são mecanismos de *agregação* dos assuntos que circulam no ambiente e, também, mecanismos de construção de tendências do tópico “Assuntos do Momento” (*trending topics*). Silva (2021, p. 7), por sua vez, relaciona os *trendings topics* com a opinião pública: “Medidas como o *#trendingtopics* do twitter ou *#hashtags* mais mencionadas em outras mídias sociais por vezes são tomadas como sinal de comportamento da opinião pública no universo digital”.

Essas especificidades – como as *hashtags* e os *trending topics* – são reunidas, aqui, sob o conceito de *affordance*, que, de acordo com d’Andréa (2020, p. 47), é uma noção “especialmente interessante para atentarmos aos modos como usuários constituem suas práticas a partir das possibilidades políticas e materiais propostas pelos desenvolvedores”. Sendo assim, entende-se, aqui, que as funcionalidades das plataformas vão além de uma técnica, de modo que envolvem também questões subjetivas dos usuários. É nesse sentido que d’Andréa (2020) propõe que as *affordances* “se constituem nas relações estabelecidas entre um usuário e as materialidades disponíveis” (*ibidem*). Como exemplo, o autor cita a ferramenta chamada “reactions” do Facebook:

Pensemos, por exemplo, no conjunto de reações às postagens – e, posteriormente, aos comentários – implementado pelo Facebook a partir de 2016. Os “Reactions” permitem que os usuários se manifestem através de *emojis* associados a termos como “amei”, “haha” ou “grr”, o que não apenas diversificou as possibilidades de expressão (antes restrita às “curtidas”), mas também ampliou e especificou a capacidade do Facebook de coletar dados e de detectar padrões. Para propor uma modularização dos sentimentos, a plataforma diversificou, de forma controlada, as *affordances* possíveis em sua interface (D’ANDRÉA, 2020, p. 48)

Sendo assim, considera-se que as *affordances* são, de maneira sintética, os recursos disponíveis para interação dos usuários nas plataformas. Nesse caso, pode-

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso: 2 fev. 2022.

se afirmar que as *hashtags*, por exemplo, são *affordances* que fazem do Twitter uma plataforma de caráter único, que a partir do seu *design*, ou seja, da sua “arquitetura computacional” (D’ANDRÉA, 2020) molda a interação dos usuários, impactando também no direcionamento da atenção.

Visto que a coleta de dados desta pesquisa se dá por meio da *affordance hashtag* CPI da covid, ou melhor, #CPIdacovid, entende-se ela, aqui, como agregadora de sentidos sobre o acontecimento. Isso condiz com o que a própria plataforma explica sobre o caráter de uma *hashtag*. Para o Twitter, ela “é usada para indexar palavras-chave ou tópicos”<sup>6</sup> de forma que seja possível acompanhar mais facilmente um assunto de interesse. Problematizando o caráter agenciador das *hashtags*, Cortez (2021, p. 113) afirma que elas:

[...] operam como elementos que agenciam fluxos de informações mediante ações de algoritmos e usuários que indicam, por meio da junção do sinal de cerquilha e palavras, uma temática ou assunto, e, ao mesmo tempo, um modo de indexar os conteúdos em circulação no Twitter com possibilidades de convertê-los em tendências.

Sendo assim, pode-se observar que as *hashtags* tanto agenciam conteúdos que tratam sobre temáticas quanto possibilitam a sua indexação nos *trending topics*. Nesse sentido, as *hashtags* também possibilitam que os usuários façam parte da conversação pública, visto que, ao indexarem-nas, filiam-se ao discurso:

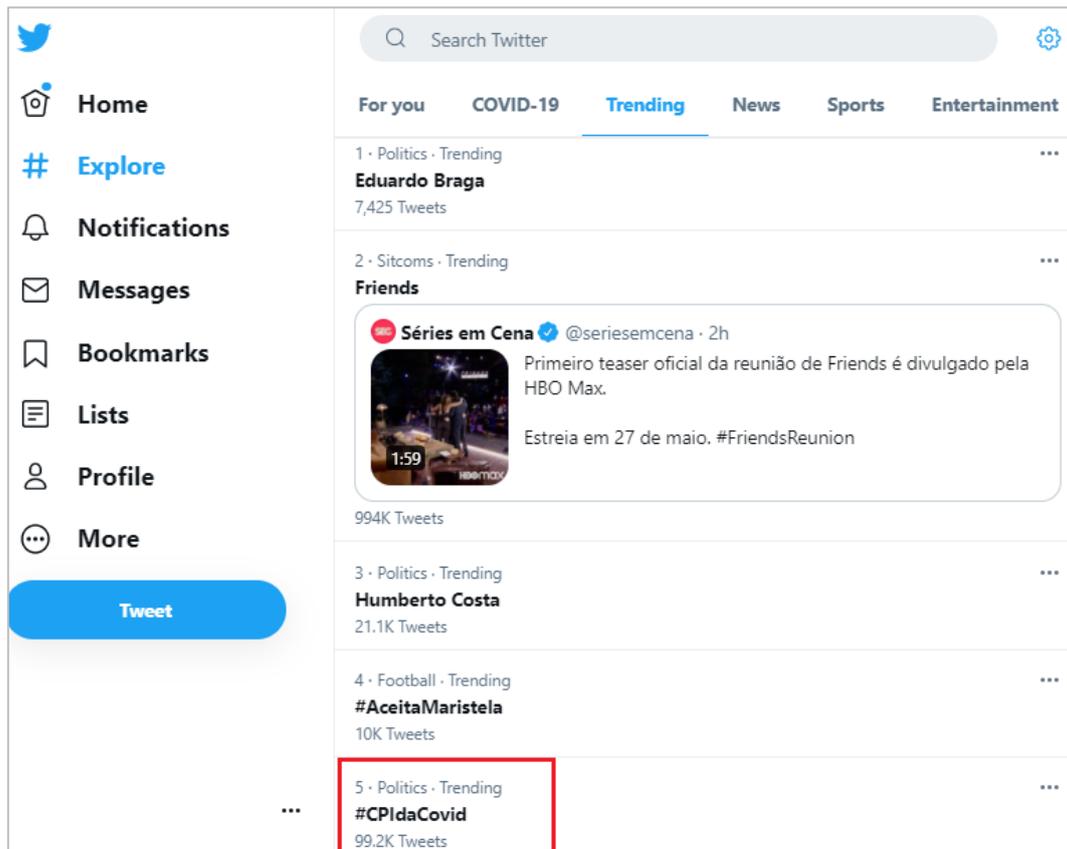
Efetivamente, inserir um *hashtag* acaba sendo a realização de um ato tecnodiscursivo: criar uma categoria folksonomínica (acontecimento, estado mental, avaliação, etc) e, com isso fazer funcionar a possibilidade de um fio recomendável. Produzir uma *hashtag*, metadado performativo no cerne do processo da conversa rastreável, é, portanto, uma ação tecnodiscursiva que modifica o ambiente (PAVEAU, 2021, p. 228)

Em relação à “CPI da covid”, denominação que usuários concederam ao acontecimento, observa-se que no dia do depoimento do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello – dia em que foi feita a coleta – a *hashtag* estava entre os “Assuntos do Momento”, alcançando, em torno das 16h30 da tarde, quase 100 mil *tweets*.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/how-to-use-hashtags>. Acesso: 21 ago. 2021.

Figura 1 – Captura de tela da #CPIdaCovid em torno das 16h30 do dia 19 de maio de 2021



Fonte: Twitter

Pontua-se que não há como confirmar se todos esses tweets foram de fato “orgânicos”, ou seja, escritos por seres humanos que têm um discurso a ser expresso sobre a CPI. Estudos como o de Bastos e Mercea (2019) e inclusive o próprio Twitter assinalam a existência de automatização de tweets e hashtags, no entanto, fazer a coleta por meio de uma conta de desenvolvedor<sup>7</sup>, isto é, por meio de uma conta que tem licença oficial para coletar dados da plataforma, e por meio de aplicativos indicados pelo Twitter – especificados no item seguinte – é um meio de tentar minimizar esses discursos programados.

## 2 A coleta dos dados e o delineamento dos processos metodológicos

O processamento dos 1113 tweets consistiu em dois processos metodológicos. O primeiro foi a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) via software IRaMuTeQ em que foi fornecido um dendrograma com classes de palavras que possuem vocabulário semelhante. O segundo processo foi a análise dos dados por meio da

<sup>7</sup> Para se ter uma conta de desenvolvedor, é necessário que o cadastro seja aceito pela plataforma. Essa cadastro pode ser feito em: <https://developer.twitter.com/en>. Acesso: 20 jul. 2021.

teoria da Argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; BRETON, 1999) em que se observou a qualificação da CPI da covid como um acontecimento circense. Dessa forma, nos tópicos seguintes, apresenta-se como foi feita a coleta dos dados para em seguida explanarem-se os processos metodológicos.

## 2.1 A coleta dos dados no Twitter

A coleta de dados no Twitter foi realizada por meio da Interface de Programa de Aplicativo (Application Programming Interface, API em inglês), a partir de uma conta de desenvolvedor oficial do Twitter. A aplicação utilizada para a coleta foi o Postman<sup>8</sup>, recomendado pelo próprio Twitter. A palavra-chave de pesquisa definida foi #cpidacovid, e a coleta foi feita de modo que não fossem coletados *retweets*, isto é, republicações de *tweets*, como maneira de privilegiar *tweets* originais.

Além da palavra-chave #cpidacovid e da exclusão de *retweets*, o parâmetro de busca que determinou a quantidade de *tweets* coletados foi o de se fazer a coleta de 100 *tweets* a cada 10 minutos, começando às 10h e indo até 12h do dia 19 de maio, dia do depoimento de Eduardo Pazuello que, conforme jornais e sites de notícias<sup>9</sup>, era o mais aguardado da CPI até então. Com isso, o esperado era obter 1200 *tweets*, no entanto, alguns *tweets* não se mostraram relevantes para o objetivo da análise como 1) os que continham apenas '#cpidacovid', visto que não expressam sentidos sobre o acontecimento; 2) não estavam relacionados a CPI, e outros que 3) foram deletados pelos usuários, e por isso excluídos da análise. Sendo assim, o número final de *tweets* coletados é 1113 para a análise, o número de *tweets* foi 980, visto que foi a quantidade que a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) levou em consideração no cálculo estatístico. Além disso, pontua-se que foram analisados somente os textos escritos de cada *tweet*, ou seja, naqueles *tweets* que faziam alusão a outros *tweets* ou imagens, foi selecionado somente o seu texto original<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Informações mais detalhadas estão disponíveis em: <https://developer.twitter.com/en/docs/tools-and-libraries/using-postman>. Acesso: 20 jul. 2021.

<sup>9</sup> Na edição do dia 20 de maio de 2021, o jornal escreveu: "No depoimento mais aguardado até aqui da CPI da covid no Senado, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello [...]". Outros sites de notícias como o Correio Braziliense (link: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4925439-depoimento-hoje-de-pazuello-e-o-mais-aguardado-da-cpi-da-covid.html>) e Brasil de Fato (link: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/19/ao-vivo-acompanhe-o-depoimento-de-pazuello-o-mais-aguardado-da-cpi-da-pandemia>) corroboram a afirmação. Acesso: 20 jul. 2021.

<sup>10</sup> O único *tweet* alterado foi o que possuía *emoji* de olhos entre as palavras "de" e "Brasil", sendo assim o texto foi alterado para "de olho Brasil".

## 2.2 A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) a partir do software IRaMuTeQ

O IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), é um *software* francês, de licença livre (Licença Pública Geral GNU-GPL) que começou a ser utilizado no Brasil<sup>11</sup>, de acordo com Justo e Camargo (2014), em 2013, quando foi adaptado à língua portuguesa<sup>12</sup>. O IRaMuTeQ vem de uma longa tradição do uso de análises estatísticas de dados textuais, sendo considerado uma versão gratuita do ALCESTE (*software* criado pelo francês Max Reinert). Este último foi inovador nas análises por analisar não somente o vocabulário, mas também o contexto das palavras (JUSTO; CAMARGO, 2014) na análise denominada Classificação Hierárquica Descendente (CHD). O grande triunfo desta última é a possibilidade que se tenha uma pré-codificação dos dados de pesquisa, permitindo que o pesquisador tenha uma noção estatística das palavras que estão mais relacionadas entre si. Para Justo e Camargo (2014, p. 6): “O diferencial é que o método e as técnicas de análise não são sensíveis à arbitrariedade de quem o codifica (Lahlou, 1994), o que diminui o subjetivismo nas análises dos textos e padroniza-os”. O que pesquisadores como Cervi (2019, 2018) propõem é que o *software* pode fazer uma Análise de Conteúdo Automatizada: “As classes de textos por proximidade com a presença de determinados termos são classificadas posteriormente e não *ex-ante* reduzindo a subjetividade na definição do *corpus* empírico e aumenta a possibilidade de replicar a técnica” (CERVI, 2018, p. 2). O que os autores também apontam é que a interpretação dessas classes depende do marco teórico de cada pesquisa. Dessa forma, o *software* fornece uma perspectiva de análise, cabendo ao pesquisador relacioná-la com a teoria e problema da pesquisa.

Sobre a codificação dos dados para inserção no IRaMuTeQ, pondera-se que o tipo de texto dos tweets – textos curtos – demanda configurações específicas do IRaMuTeQ, estas foram ajustadas conforme as sugestões expressas no Tutorial de Camargo e Justo (2018). Além das especificidades na transcrição dos textos para leitura do *software*, também se pondera que o IRaMuTeQ considera como adequada a CHD que fornecer no mínimo 75% de retenção dos Segmentos de Texto. No caso dos dados aqui analisados, ressalta-se que isto foi cumprido, uma vez que a retenção

---

<sup>11</sup> Além de ser utilizado na área da Psicologia e das Representações Sociais, outras áreas também fazem uso, como a Comunicação, aparecendo na interface Comunicação e Política por meio de Cervi e Gandin (2015), Cervi (2018, 2019), Verner e Sinderski (2021) e Nichols et al. (2021), por exemplo.

<sup>12</sup> Ainda de acordo com os autores, a adaptação foi feita a partir de uma parceria entre o Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS) com o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (Fundação Carlos Chagas), e com o grupo de pesquisa Valores, Educação e Formação de Professores (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP).

atingiu 88.05%, isto é, dos 1113 tweets totais, 980 foram classificados em alguma das quatro classes que serão expostas posteriormente. Além da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), estes 980 tweets também foram lidos e categorizados de acordo com seu conteúdo, tendo como base a teoria da Argumentação, apresentada no item seguinte.

### 2.3 A teoria da Argumentação

Amossy (2016) defende que a Análise do Discurso deve integrar a argumentação na metodologia de análise justificando que não há como dissociar o uso de argumentos do conjunto de discursos sobre o qual eles se constroem. No entanto, a autora revela aquilo que fez com que a análise argumentativa fosse ignorada, que é o fato de ser “atomística”<sup>13</sup>, isto é, o fato de se utilizar a mesma estrutura lógica dos argumentos para diversas situações, ignorando a questão ideológica ou comunicacional. Contudo, Amossy (2016), ao defender a integração da argumentação à Análise do Discurso, justifica que “[...] os argumentos se constroem na densidade do discurso e que só fazem sentido no interior da rede interdiscursiva e do contexto comunicacional em que operam” (p. 171). Para a autora, é preciso, então, que se considere como os argumentos interferem nas dinâmicas comunicacionais, analisando as funções sociais que cumprem num “espaço sociocultural preestabelecido” e também “segundo quais modalidades o discurso se situa numa troca global considerada por argumentos preestabelecidos” (idem). É desse modo que a autora reconhece, de fato, o comportamento “lógico” dos argumentos, mas também considera que a dinâmica comunicacional intervém nesse preestabelecimento e por isso deve ser analisada. A partir disso, considera-se, neste artigo, que a análise argumentativa é uma possibilidade de se compreender os recursos que são mobilizados durante uma situação comunicativa.

Pontua-se que a história da argumentação é antiga, sendo a partir dos estudos sobre a retórica, na Grécia, que as percepções sobre esta se desenvolveram. Nesse sentido, é unânime a consideração de que Aristóteles foi um dos autores responsáveis por estabelecer diretrizes do pensamento retórico, especialmente por ser quem colocou a retórica em um sistema de organização do discurso, mais precisamente, entendendo o discurso como uma composição de quatro partes: invenção, disposição, elocução e ação (REBOUL, 2004). Ainda que muitos séculos tenham se passado, e que as teorizações sobre processos argumentativos como o *persuadir* e o *convencer* e também sobre os auditórios *particular* e *universal* tenham

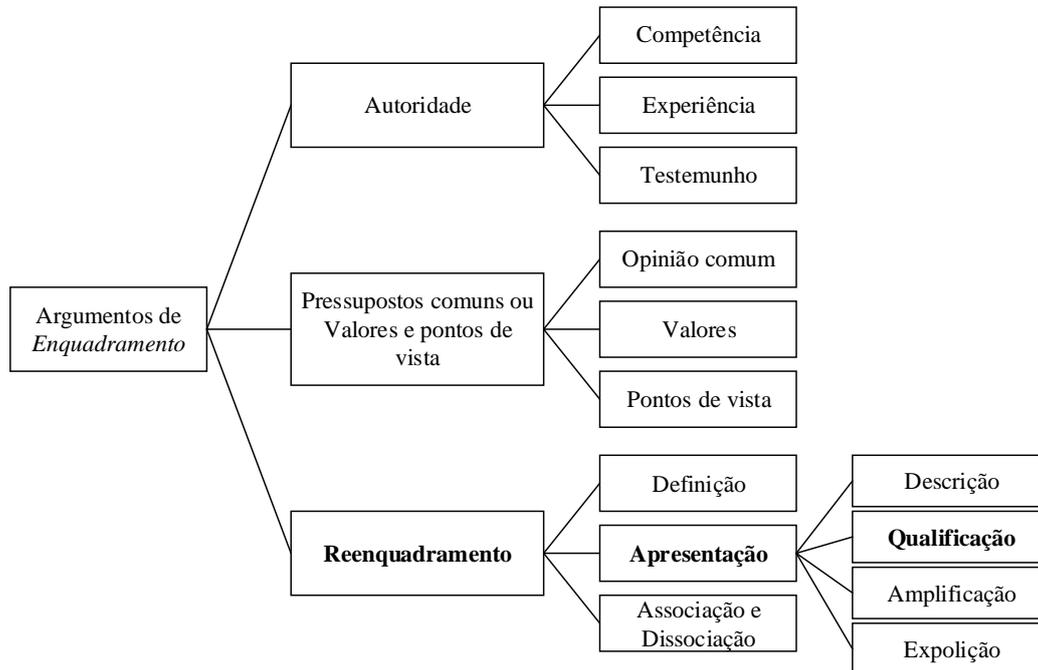
---

<sup>13</sup> Amossy (2011) atribui o termo a Plantin (1995).

encontrado definições sólidas – como em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) – o território da argumentação e seus conceitos subjacentes ainda encontram nuances que necessitam de adaptações teórico-metodológicas, especialmente para que se entendam os discursos atuais.

Nesse sentido, a argumentação reemergiu como campo teórico especialmente com a comunicação de massa (REBOUL, 2004), sendo os anos 1960 palco para exploração e novas aplicações desses conceitos (BRETON, 1999) tanto no campo prático, pela conscientização do poder de influência das técnicas de persuasão da publicidade e propaganda, quanto no campo teórico, a partir de um novo tratado – que só ganhou legitimidade perante estudiosos na década de 1970 – inspirado na retórica, mas que se ocupava em dissecar as técnicas argumentativas: *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, escrito por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicado em 1958. Para Reboul (2004), o grande triunfo da obra é a descoberta “que entre a demonstração científica e a arbitrária das crenças, há uma lógica verossímil, a que dão o nome de argumentação, vinculando-a à antiga retórica” (p. 89). Sendo assim, um dos principais argumentos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) é justamente entender que a argumentação está no campo dos acordos razoáveis a partir de técnicas argumentativas que visam aumentar a adesão à determinadas teses, num “contato intelectual” entre orador e auditório. Nesse sentido, é preciso que haja um espaço de interlocução entre o orador e o auditório presumido. No caso da *hashtag* CPIdacovid no Twitter, o espaço é as possibilidades que a plataforma propõe de interação a partir de suas *affordances* discutidas acima. Neste caso, o detentor da conta na rede social tem o conhecimento que seus seguidores e as demais pessoas que acompanham a *hashtag* estão dispostos ao “contato intelectual”.

Como já dito, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) são reconhecidos por apresentar variadas técnicas argumentativas, mas é Breton (1999) quem as sistematiza de uma maneira mais didática e aplicável à Comunicação no livro *A argumentação na comunicação*. Breton (1999) determina que há um duplo-gatilho argumentativo, no qual em um primeiro momento se utilizaria argumentos de Enquadramento e, em um segundo momento, argumentos de Vínculo. Visto que os dados que constituem o *corpus* desta análise são textos curtos, acredita-se que eles contemplem somente o primeiro momento do duplo-gatilho argumentativo do autor, que fica a cargo dos argumentos de Enquadramento, aqueles responsáveis por construir um “real comum ao orador e ao auditório”. A Figura 2 mostra a taxinomia detalhada dos argumentos de Enquadramento segundo o autor:

Figura 2 – Argumentos de *Enquadramento*

Fonte: Adaptado de Breton (1999, p. 143) e reproduzido em de David (2018)

Dos argumentos acima expostos, atenta-se, especificamente, para o de Reenquadramento, que é aquele que, de acordo com Breton (1999), implica uma novidade para o auditório, isto é, coloca alguma temática em um “mundo” que espontaneamente não era pensado, ou seja, que não utiliza pontos de referência habituais. O autor subdivide esses argumentos em Definição, Apresentação e Associação e Dissociação. Considera-se, aqui, exclusivamente, a variável Apresentação e sua subdivisão Qualificação, visto que essa especificação cumpre os objetivos deste artigo. Para Breton (1999), a Qualificação está relacionada à maneira com que se apresentam os fatos, isolando certas propriedades que são consideradas mais importantes, isto é, fazendo apresentações *parciais* dos acontecimentos.

### 3 Os resultados dos processos metodológicos

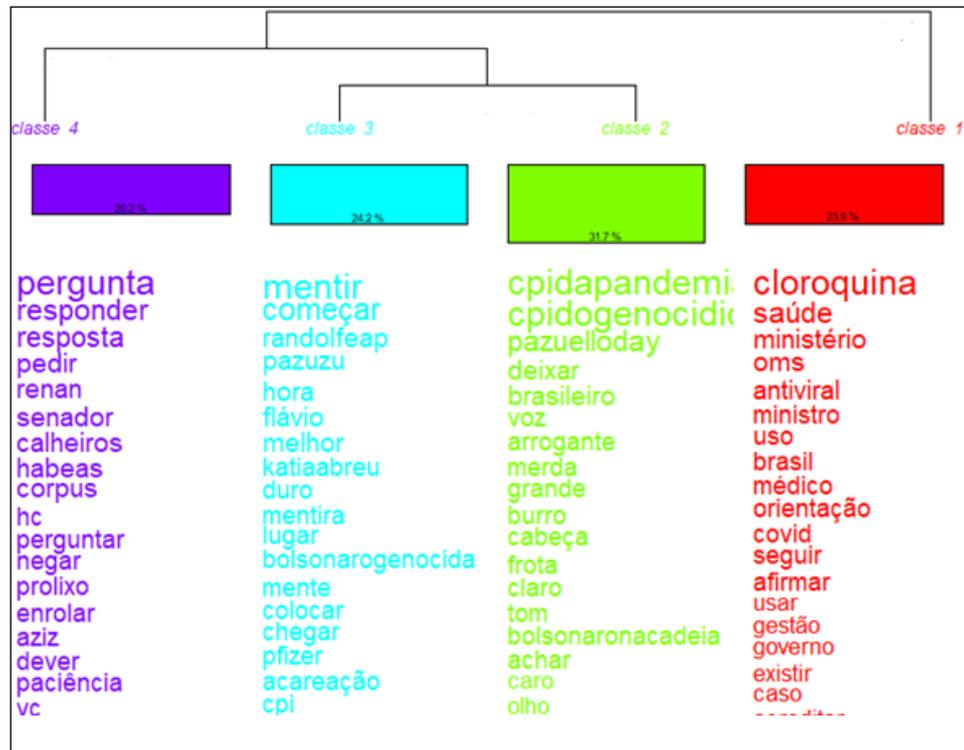
Os próximos itens mostram os dois processos metodológicos aos quais os dados foram submetidos.

#### 3.1 A Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Ao apresentar o dendrograma gerado pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD), retoma-se o fato de que as classes são geradas por Segmentos de Textos que têm vocabulário semelhante. Observa-se, na Figura 3, que a Classe 1 obteve 234 Segmentos de Texto – a partir de agora denominados ST – (23.88% do

total); a Classe 2 obteve 311 ST (31.73%); a Classe 3 obteve 237 ST (24.18%) e a Classe 4 obteve 198 ST (20.2%).

**Figura 3** – Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – Twitter #CPIIdacovid



Fonte: IRaMuTeQ a partir de dados inseridos

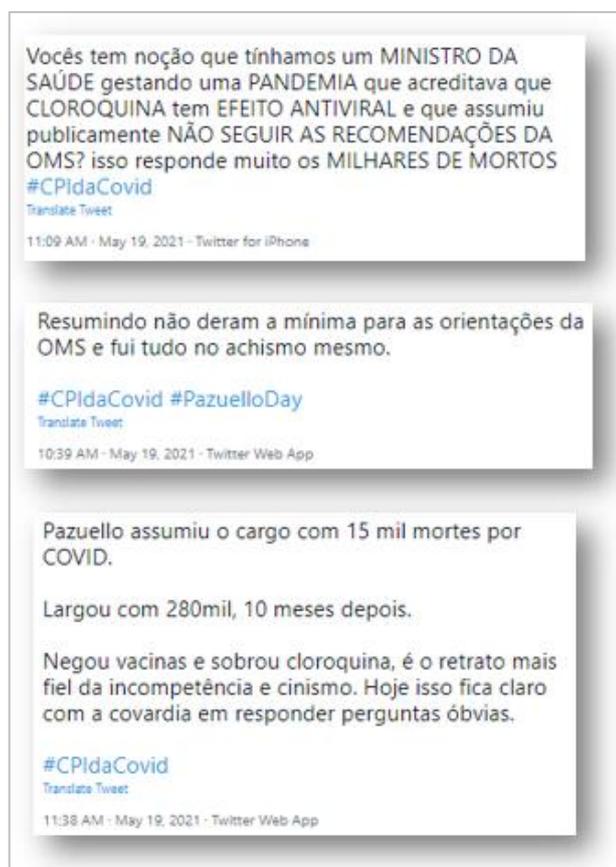
As quatro classes foram geradas a partir de três partições: a primeira, que separou a Classe 1 das restantes; a segunda, que separou a Classe 4 das Classes 2 e 3, e a terceira partição, que separou estas duas últimas classes entre si. Schlösser e Camargo (2019) interpretam as partições como “oposições” entre as classes em divisão, entendendo que evidenciam a demarcação de uma diferenciação de vocabulários. Para este artigo, contudo, pontua-se que a quantidade e a proximidade das partições não serão consideradas, visto que não são relevantes para o objetivo aqui proposto.

O que aqui interessa observar são as palavras que estão no topo das classes, pois são aquelas consideradas as mais importantes para a interpretação do vocabulário que as compõem. Para se chegar a esta ordem de importância, o IRaMuTeQ executa cálculos estáticos como o de  $\chi^2$  (ou  $\chi^2$  - qui quadrado) que é o valor de associação de cada palavra à classe, de modo que quanto mais importante a palavra, maior o seu  $\chi^2$ .

Sendo assim, observa-se que algumas das palavras mais importantes da Classe 1 são “cloroquina”, “saúde”, “ministério”, “oms”, “antiviral”, “ministro”, “uso”,

“brasil”, “médico” e “orientação”. Este conjunto de palavras se refere às orientações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS) para uso da cloroquina, e também a um episódio específico do depoimento do ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello, quando ele afirma à CPI que a cloroquina é um antiviral<sup>14</sup>, sendo que na verdade ela é indicada para o tratamento da malária (causada por um parasita) e de doenças autoimunes. Abaixo tem-se um compilado de três tweets que representam esta classe. Pontua-se que, ainda que os tweets sejam públicos<sup>15</sup>, optou-se por retirar o nome dos usuários a fim de preservar seu anonimato.

Figura 4 – Exemplos de tweets que compõem a Classe 1



Fonte: Twitter

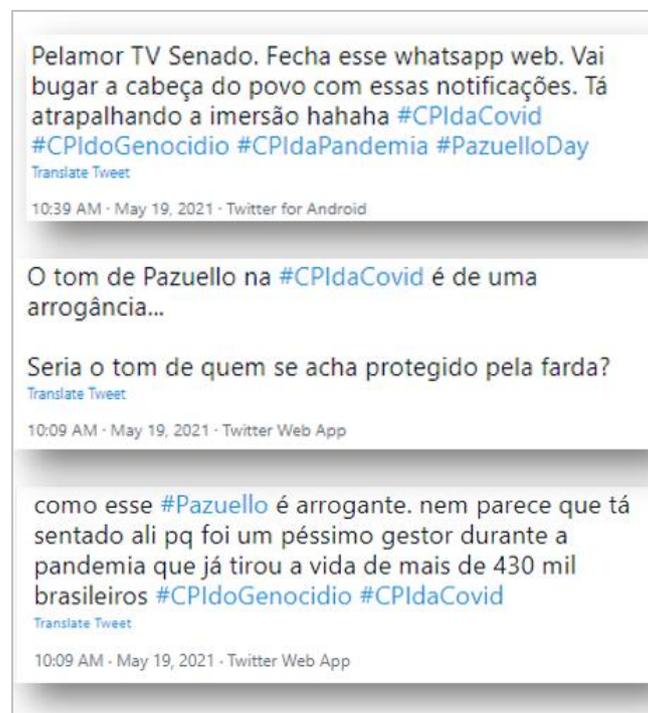
<sup>14</sup> No momento em que o ex-ministro Eduardo Pazuello faz essa afirmação à CPI, ele é corrigido pelo senador e médico Otto Alencar (PSD-BA), que afirma que a cloroquina é um antiprotzoário, no entanto essa informação não foi encontrada. Para mais informações, há reportagem disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/07/saiba-as-diferencas-entre-cloroquina-e-ivermectina-remedios-sem-comprovacao-de-eficacia-contra-o-coronavirus-ckcnsfyfc0083013g50w4ddf8.html>. Acesso: 27 jul. 2021.

<sup>15</sup> Declaração na íntegra do Twitter sobre o fato de os tweets serem públicos: “Os dados do Twitter têm um caráter único de compartilhamento em relação a outras mídias sociais porque refletem as informações que os usuários escolheram compartilhar publicamente. Nossa plataforma de API permite amplo acesso aos dados públicos do Twitter que os próprios usuários escolheram compartilhar com o mundo.” Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-api>. Acesso: 20 jul. 2021.

Os três tweets acima mostram uma avaliação negativa da gestão do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello durante a pandemia. O primeiro deles mostra palavras em caixa-alta que indicam indignação ao afirmar que o ex-ministro assumiu publicamente não seguir as ordens da Organização Mundial da Saúde em relação à pandemia. Nessa mesma linha, o segundo tweet apresentado na Figura 4 ressalta a falta de orientação científica na condução da pandemia pelo ministro e o último tweet mostra dados de mortes, ressaltando a “incompetência” e o “cinismo” do ex-ministro e sua responsabilidade por este quadro.

Já na Classe 2, observa-se que entre as palavras mais importantes estão “cpidapandemia”, “cpidogenocídio”, “pazuelloday”, “deixar”, “brasileiro”, “voz” e “arrogante”, por exemplo. Além de essa classe demarcar uma referência às *affordances* da plataforma Twitter por meio das três primeiras expressões que são *hashtags* – fazendo inclusive um juízo de valor sobre a pandemia, em especial a partir de #cpidogenocídio – ela também se concentra na postura do ex-ministro Eduardo Pazuello a partir de palavras como “arrogante”, “tom” e “voz”. A Figura 5 mostra alguns tweets que representam esta classe.

Figura 5 – Exemplos de tweets que compõem a Classe 2



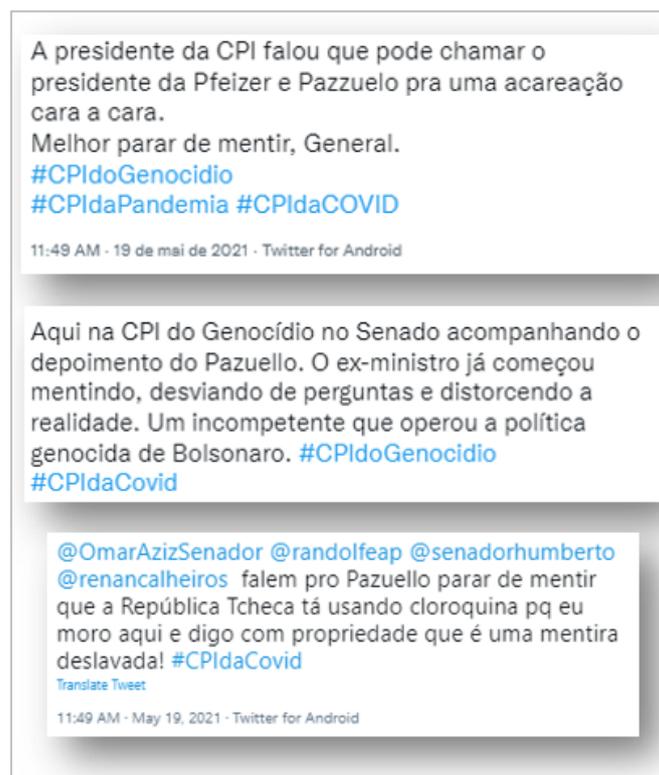
Fonte: Twitter

O primeiro tweet exemplifica o fato de os usuários estarem acompanhando a CPI de modo atento, considerando isto como uma “imersão” que seria atrapalhada

por barulhos de notificações durante o depoimento. Já os outros dois tweets qualificam negativamente a postura e a gestão do ex-ministro, utilizando termos como “arrogância” e “péssimo gestor”.

A Classe 3 tem, entre as palavras mais importantes, “mentir”, “começar”, “randolfeap”, “pazuzu”, “hora” e “flávio”. Destaca-se que esta classe também faz referência às palavras “mentira” e “mente”. Observa-se que o ato de mentir refere-se, novamente, a uma postura negativa do ex-ministro durante o depoimento. Já a partir da palavra “randolfeap”, que se refere à conta no Twitter do senador e vice-presidente da CPI Randolfe Rodrigues (Partido Rede Sustentabilidade); da palavra “flávio” que se refere a Flávio Bolsonaro (Partido Liberal), senador e filho do presidente Jair Bolsonaro, e da palavra “katiabreu”, referente à senadora Kátia Abreu (Partido Progressista), observa-se que esta classe também pauta uma interação entre os senadores. Como exemplo, a Figura 6 mostra alguns tweets que representam esta classe.

Figura 6 – Exemplos de tweets que compõem a Classe 3



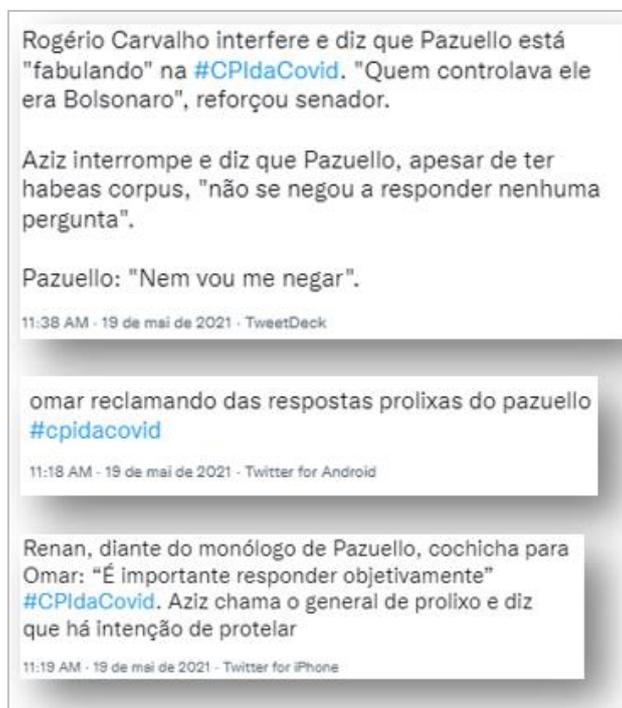
Fonte: Twitter

O primeiro tweet faz alusão à palavra “acareação” – que é, no vocabulário jurídico, a confrontação de duas ou mais testemunhas – e à palavra “mentir”, essas duas palavras referem-se a atitudes de Pazuello durante o depoimento, visto que

houve divergências entre o que foi dito pelo ex-presidente da Pfizer no Brasil – empresa que fabrica vacinas contra a covid-19 – Carlos Murillo e pelo ex-ministro. O segundo *tweet* também faz referência ao fato do ex-ministro estar mentindo durante seu depoimento, bem como produz qualificações sobre sua gestão no Ministério da Saúde, afirmando que ele é “um incompetente”. O terceiro *tweet* faz, novamente, referências ao fato de Eduardo Pazuello estar mentindo.

Por fim, a Classe 4 é aquela que faz referência às perguntas e respostas no depoimento de Eduardo Pazuello. As palavras mais importantes desta classe são “pergunta”, “responder”, “resposta”, “pedir”, “renan” e “senador”. Também há referência ao pedido de Pazuello por *habeas corpus* no Supremo Tribunal Federal (STF), por meio das palavras “habeas”, “*corpus*” e “hc”. Este recurso, concedido pelo STF, permite que não se responda a perguntas que possam incriminar o depoente<sup>16</sup>. O que se pode perceber desta classe é que, além de se referir ao ato de depor, ela aponta para questões mais específicas sobre a performance do ex-ministro. Palavras como “negar”, “prolixo” e “enrolar” exemplificam esta constatação e aludem, mais uma vez, à postura negativa de Eduardo Pazuello.

Figura 7 – Exemplos de *tweets* que compõem a Classe 4



Fonte: Twitter

<sup>16</sup> A Constituição Federal do Brasil de 1988 prevê no artigo 5º, inciso LXVIII, que “conceder-se-á *habeas corpus* sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso: 19 mai. 2022.

O primeiro *tweet* que exemplifica esta classe faz alusão à concessão de *habeas corpus* ao ex-ministro Eduardo Pazuello, precisamente, o texto faz referência a uma fala de Omar Aziz, presidente da Comissão, em que destacou que Pazuello, apesar de ter *habeas corpus*, não se negou a responder as perguntas que lhe foram feitas. Os outros dois *tweets* qualificaram como prolixa a maneira como o ex-ministro respondeu as perguntas. Sobre o primeiro *tweet* da Figura 7, que faz alusão ao *habeas corpus* de Eduardo Pazuello, ressalta-se uma discussão importante sobre a interferência do poder judiciário no sistema político, tópico que tem lugar de discussão precisamente nos estudos sobre a judicialização da política. Nunes Junior (2016) afirma que a judicialização da política se dá quando questões políticas normalmente tratadas apenas pelo Legislativo e Executivo, passam a ser tratadas pela instância Judiciária. Para o autor, observa-se, atualmente, no Brasil,

[...] uma situação que transcende a mera aplicação da Constituição e das leis e o controle dos atos legislativos pelo judiciário. [...] encontramos juízes e tribunais tomando decisões sobre questões políticas que antes eram decididas nas casas legislativas ou nos partidos políticos [...] (NUNES JUNIOR, 2016, p. 15).

Sobre as causas desse fenômeno, Oliveira e Madeira (2004, p. 101), afirmam que, no território brasileiro, este ganhou proeminência a partir da Constituição de 1988 que “alterando a jurisdição do STF e ampliando seus poderes, colocou-o na posição de uma poderosa arena de decisão de conflitos”. Além disso, para Vianna, Burgos e Salles (2007), a crise de representação política também é fator determinante para esse protagonismo do poder judiciário frente à política.

Ainda sobre a Classificação Hierárquica Descendente, mais especificamente sobre a Classe 2, considera-se importante explorar os *tweets* que fazem uso de *hashtags*. Para melhor visualização deste resultado, apresenta-se a Figura 8 gerada a partir do algoritmo de *fruchterman reingold* da palavra de maior  $x^2$  da Classe 2, que é “cpidapandemia”.



observa-se que os tweets que fazem uso das *affordances hashtags*, utilizam-se delas para expressarem suas opiniões sobre o acontecimento, proferindo, por exemplo, juízos de valor em relação ao acontecimento, o que pode ser visto em “cpidogenocídio”, “bolsonaronacadeia” e “pazuelonacadeia”, por exemplo. O que também se confirma é a afirmação de Cortez (2021) de que as *hashtags* agregam assuntos que circulam no ambiente do Twitter, sendo uma maneira de capturar as ideias e comportamento da opinião pública, como discutido em Silva (2021) e Paveau (2021). Mais especificamente sobre a *hashtag* “cpidocirco”, pontua-se que esta referência também foi encontrada em pesquisa de Nichols et al. (2021, p. 17-18) quando fizeram a análise de mais de 400 vídeos da plataforma Youtube a fim de entender as narrativas em torno da CPI da covid. Os autores pontuam que “temas como prisão, armação, ameaça, genocídio, pandemia, impeachment, dinheiro, voto auditável e circo” deram “o tom guerra de narrativas entre grupos apoiadores e críticos de Jair Messias Bolsonaro e do Governo Federal”.

Pelo fato da utilização do IRaMuTeQ ser considerada um momento exploratório (CAMARGO; JUSTO, 2014) dos dados, opta-se, neste artigo, por se fazer também uma leitura desses dados a partir do arcabouço da teoria da Argumentação. Isto corrobora o que Ramos, Lima e Amaral-Rosa (2018) propõem, que o IRaMuTeQ deve ser considerado como uma primeira etapa da análise de dados, cabendo ao pesquisador a leitura integral destes. Sendo assim, o último item deste artigo se ocupa deste processo metodológico, no qual, a partir da análise dos 980 tweets classificados pela CHD, foram feitas categorias a partir do conteúdo dos tweets. Sendo assim, todos os tweets foram transcritos para uma planilha, lidos e categorizados. Ao final, foram obtidas 5 categorias finais:

1. **Imagem negativa de Eduardo Pazuello:** contém tweets que qualificam como negativa tanto a gestão do ex-ministro Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde quanto a sua postura durante depoimento na CPI. Algumas variações desta categoria se referem a adjetivos que aludem a variáveis como *incompetência, prolixidade, arrogância* e ao ato de *mentir*;
2. **Acompanhamento da CPI/CPI como entretenimento, briga ou circo:** contém tweets que fazem comentários gerais o acompanhamento da CPI; e também aqueles que fazem referência a ela como uma espécie de entretenimento, *reality show, briga, confusão* ou “circo”;
3. **Senadores e senadoras como atores da CPI:** contém tweets que fazem referência a senadores ou senadoras presentes na CPI, como, por exemplo,

o presidente Omar Aziz, o relator Renan Calheiros ou o senador Flávio Bolsonaro;

4. **Habeas Corpus de Pazuello:** contém *tweets* que mencionam o fato do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello ter *habeas corpus* no seu depoimento, isto é, o direito de permanecer em silêncio em relação a perguntas que o incriminassem;
5. **Outros:** contém as seguintes subcategorias: Somente *hashtags* ou nomes de usuários; Referência a treinamento em repostas; Comentário sobre outros depoentes<sup>18</sup>; Pergunta dos “internautas”; Proteção a Jair Bolsonaro; Comentário sobre Ministério Paralelo e Bancada governista em defesa de Eduardo Pazuello; e aqueles que não foram possíveis de ser categorizados.

Observa-se que esta última síntese tem semelhanças com os resultados obtidos pelo *software* na Classificação Hierárquica Descendente (CHD), como a explicitação de qualificações negativas sobre o ex-ministro Eduardo Pazuello e a concessão de *habeas corpus*, por exemplo. No entanto, no próximo item adentra-se em um resultado específico fornecido por esta última análise, relacionado ao item dois da numeração acima, que é o entendimento da CPI da covid como um entretenimento, próximo de um imaginário circense, corroborando o fato de que, por meio do argumento de Reenquadramento, a CPI foi colocada em um contexto distante daquele que poderia ser pensado em um primeiro momento.

### 3.2 A utilização do argumento de Reenquadramento

A teoria do acontecimento, aqui, é aquela que nos serve para pensar que tudo que acontece está imerso em uma narrativa que tenta apreender os seus sentidos. É por meio de Quéré (2011; 2012) que se entendem essas narrativas como uma segunda-vida do acontecimento, sendo que a primeira vida seria o acontecimento existencial ou “bruto”. Em relação aos dados, pôde-se apreender que muitos *tweets* exprimem sentidos que aproximam a CPI da covid a um acontecimento pertencente ao imaginário circense. Isso é feito por meio de comparações a 1) programas de

---

<sup>18</sup> Como forma de exemplificar esta subcategoria expõe-se dois *tweets*. O primeiro se refere ao momento em que se comparou o depoimento de Eduardo Pazuello com o do também ex-ministro da saúde Eduardo Teich: “sério a do teich morto vivo foi muito mais animada que essa já tô com sono cpidapandemia cpidacovid cpidogeniciodio pazuelloday”; já o segundo se refere à menção ao então presidente regional da Pfizer na América Latina Carlos Murillo, que também prestou depoimento, numa possibilidade de convocação para uma acareação: “presidente da pfizer só pensando que talvez tenha ficar no meio dessa doideira de novo cpidacovid pazuelloday”.

entretenimento, como na Figura 9; 2) brigas e confusões, como na Figura 10; ou 3) por meio da explicitação da palavra “circo”, como na Figura 11.

Sobre a constituição dos imaginários sociais, Cunha (2013, p. 55) entende que eles se formam a partir do que a humanidade tem como experiência em torno do viver. Para a autora, “o imaginário é, portanto, um componente da existência humana como experiência marcadamente social, que dá sentido à vida coletiva e é ressignificado por ela, tornando-se um elemento em permanente construção. Essa coletividade também é ressaltada por Mafesoli (2001, p. 76), quando afirma que o imaginário: “é o estado de espírito, de um grupo, de um país, de um Estado, nação, de uma comunidade, estabelece vínculo”. O imaginário é, portanto, construído em conjunto socialmente, isto é, fruto de experiências compartilhadas.

Sobre o imaginário circense, recorre-se a Bortoleto e Machado (2003, p. 45) que, ao fazerem um regaste histórico do fenômeno circo, afirmam que ele tem como pressuposto “convergir distintas especialidades artísticas (música, dança, ginástica, teatro)”. Nesse sentido, afirmam a importância de figuras como o equilibrista, o malabarista, os acrobatas, e também os palhaços. É principalmente pela figura deste último que caracteriza o circo como um espaço para a “arte do entretenimento”, segundo Bortoleto e Machado (2003, p. 45), especialmente por ser um lugar em que o riso, a partir da brincadeira, por exemplo, tem espaço. Silva (2015, p. 85), descreve algumas palavras que fazem parte do fenômeno circense, afirmando que diante dele “somos convidados a conduzirmos pelo lúdico, pela criatividade, pela brincadeira, pelo desafio e por todo o seu entorno imaginário”. Neste artigo, observa-se que a utilização do argumento de Reenquadramento, que aproxima um acontecimento político de programas de entretenimento, por exemplo, gera esse tom lúdico e divertido, que fazem parte da brincadeira que, por sua vez, compõe o imaginário circense.

Sendo assim, abaixo observam-se três figuras que condensam os sentidos do acontecimento CPI da covid em torno do imaginário circense dentro do *corpus* analisado. A Figura 9 apresenta tweets<sup>19</sup> que fazem referência a CPI da covid como programas de entretenimento, como o *reality show* Big Brother Brasil e No Limite, ambos da emissora Rede Globo.

---

<sup>19</sup> Observa-se novamente que esta pesquisa opta, por questões de privacidade, em não expor o autor dos tweets. Ainda que o Twitter afirme que tem um “caráter único de compartilhamento em relação a outras mídias sociais” porque seus usuários escolheram compartilhar as informações “publicamente”, tomou-se a decisão de manter em sigilo a identidade de usuários..

Figura 9 – Exemplos de tweets sobre a CPI como entretenimento



Fonte: Twitter

Já a Figura 10 relaciona a Comissão a brigas, “barraco” e confusão. Pode-se ver alusão ao “Programa do Ratinho”, programa televisivo veiculado pela emissora de televisão SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Entre os quadros do programa, há o “Ratinho – Teste de DNA”<sup>20</sup>, em que o resultado do teste de paternidade é divulgado,

<sup>20</sup> Mais informações sobre o programa de televisão podem ser encontradas em: <https://www.sbt.com.br/inscricoes/ratinho/198870/ratinho-dna>. Acesso: 18 mai. 2022.

com a presença dos possíveis país. Este é um dos momentos mais controversos do programa, gerando brigas e discussões. A Figura 10 elenca alguns desses tweets.

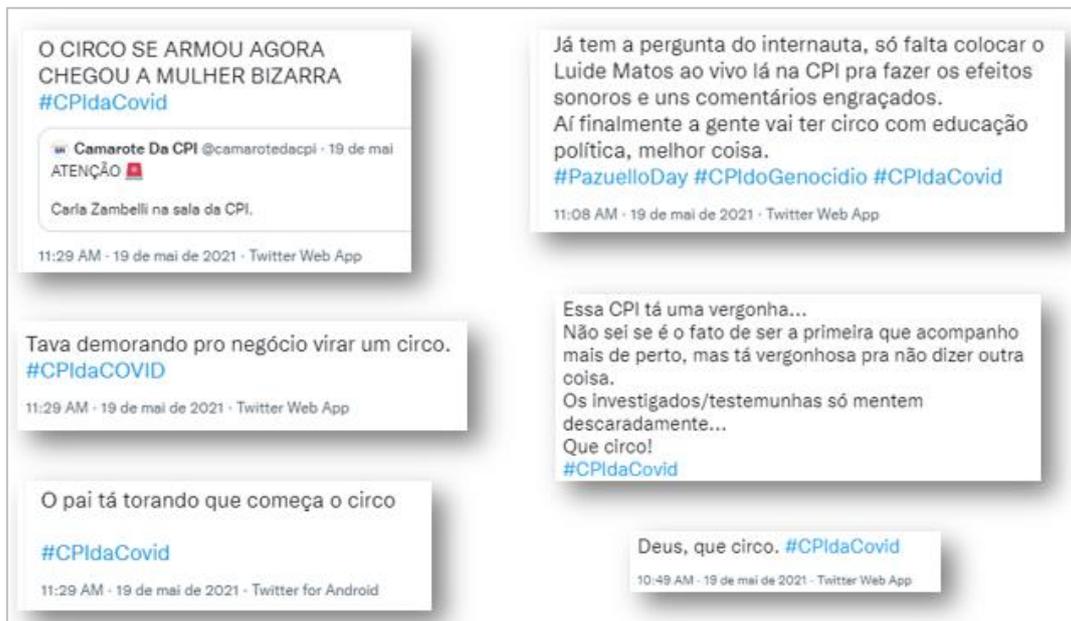
**Figura 10** – Exemplos de tweets sobre a CPI como briga/confusão



Fonte: Twitter

Por fim, o último conjunto de tweets, exposto na Figura 11, faz alusão direta à CPI como um circo. Abaixo, a Figura 11 mostra os tweets.

**Figura 11** – Exemplos de tweets sobre a CPI como circo



Fonte: Twitter

Nesse sentido, retomando a teoria da Argumentação, percebe-se a utilização da estratégia argumentativa de Reenquadramento, especialmente por ser aquela que *qualifica* o acontecimento dando destaque a certos atributos, que, no caso aqui analisado, fazem menção ao imaginário social circense, no qual está presente o entretenimento, as “brigas” e as confusões.

A Qualificação, por meio da estratégia argumentativa de reenquadramento, tem estreita relação com o que Quéré (2012) propõe como a “segunda vida” do acontecimento – aquela responsável pela sua forma simbólica. Essa forma é justamente a que coloca os acontecimentos em quadros de inteligibilidade pertencentes aos sujeitos que concedem sentidos ao ocorrido. Nas palavras do autor:

Os acontecimentos deixam de ser, assim, simples mudanças existenciais. Eles se transformam em objetos dos quais nos tornamos conscientes, em ‘coisas com significados’, porque são estes – e, em particular, a causalidade, a individualidade e as potencialidades do acontecimento – que suscitam, na prática, nosso interesse. O acontecimento ganha, por conseguinte, novos modos de operação e novas características. Ele se torna não só um objeto e uma fonte de inferências e de raciocínios, mas também um meio de ação controlada. Com efeito, servimo-nos desse tipo de objeto cognitivo-discursivo para intervir no curso dos acontecimentos, a fim de canalizá-lo ou atenuar sua brutalidade. Os acontecimentos-objetos tornam-se, assim, agentes da história que se faz (QUÉRÉ, 2012, p. 31).

Nota-se, portanto, que entender a Comissão Parlamentar de Inquérito próxima a um imaginário circense é uma maneira de torná-la um acontecimento-objeto, isto é, inseri-la em uma dimensão discursiva que a compreende como um circo. Isto fica evidente nas frases da Figura 11: “o circo se armou”; “tava demorando pro negócio

virar um circo”; “o pai tá torando que começa o circo” e “que circo” refletem momentos do depoimento nos quais os usuários da plataforma julgaram que havia elementos que assemelhavam a CPI a um acontecimento circense. O mesmo também pode ser visto em tweets mais elaborados, como o que julga poder haver “circo com educação política” ou o que remete a julgamentos negativos como vergonha e mentira, afirmando, mais uma vez, “que circo!”.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar os sentidos concedidos a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, mais conhecida como “CPI da covid”, sendo assim, a partir da coleta de 1113 tweets deu-se início a dois processos metodológicos. O primeiro foi o processamento dos dados via *software* IRaMuTeQ que por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) retornou quatro classes com vocabulários estáveis. Dessas classes, pôde-se perceber indicações sobre: 1) A imagem negativa do ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello a partir de tweets que comentaram negativamente tanto sua gestão no cargo quanto sua postura durante o depoimento na CPI; 2) Comentários sobre *habeas corpus*, o que pode contribuir para o que se denomina judicialização da política (NUNES JUNIOR, 2016) e 3) as *affordances* do Twitter, mais especificamente por meio do uso de *hashtags*, confirmando-as enquanto construtoras de sentido ao agenciarem o fluxo da informação.

Depois da exploração dos dados pelo IRaMuTeQ, optou-se por realizar a leitura dos 980 tweets classificados na sua Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Esta leitura, embasada na teoria da Argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; BRETON, 1999), propiciou a construção de cinco categorias: 1) Imagem negativa de Eduardo Pazuello; 2) Acompanhamento da CPI/CPI como entretenimento, briga ou circo; 3) Senadores e senadoras como atores da CPI; 4) *habeas corpus* de Pazuello e 5) Outros. Dessas cinco categorias, decidiu-se explorar a categoria de número 2, visto que era a categoria que reenquadrava o acontecimento próximo de um imaginário circense.

Por meio da estratégia argumentativa de Reenquadramento, mais especificamente pela Qualificação, explorou-se o fato de os usuários do Twitter assemelharam a CPI da covid a um acontecimento circense, aludindo a expressões como entretenimento, briga e confusão e à palavra circo para se referir a ela. Uma justificativa para este resultado é que, como analisado por Gonçalves *et al.* (2015), a ironia e o sarcasmo são formas proeminentes de narrativa na plataforma Twitter.

Sendo assim, os usuários muitas vezes reenquadram acontecimentos de áreas como a política, por exemplo, em sentidos que não são habituais, seja na forma de *meme*<sup>21</sup> ou na alusão a episódios como esses com humor, como pôde ser observado no reenquadramento da CPI da covid como um acontecimento circense.

Como conclusão, faz-se duas observações em relação aos limites deste artigo. A primeira é que a utilização de um *software* demanda sujeição aos seus funcionamentos, seja na forma de formatação para inserção dos textos quanto no retorno da análise dos dados que dependem da sua configuração. A segunda observação, que pode ser pensada como um trabalho futuro, é a possibilidade de entender as classes geradas pelo *software* como categorias de análise, aproximando-se do que se denomina de Análise de Conteúdo Automatizada, como proposto por Cervi (2018).

## Referências

- AMARAL, M; LIMA, V; AMARAL-ROSA, M. Contribuições do software IRAMUTEQ para a Análise Textual Discursiva. In: **Atas...** CIAIQ2018 Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación/Volume 1, 2018.
- AMOSSY, R. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. **ReVEL**, Edição Especial, v. 14, n. 12, 2016.
- BASTOS, M; MERCEA, D. The Brexit Botnet and User-Generated Hyperpartisan News. **Social Science Computer Review**, 2019, v. 37, n. 1, pp. 38-54.
- BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BORTOLETO, M; MACHADO, G. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, Santo André, n. 12, jul./dez. 2003.
- CAMARGO, B. V; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)**, Florianópolis: Laccos, 2018.
- CERVI, E. U. Análise de conteúdo automatizada para conversações em redes sociais online: uma proposta metodológica. **Anais...** XXXII Encontro ANPOCS, Caxambu, 2018.
- CERVI, E. U. **Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política**. v. 2, Curitiba: CPOP, 2019.
- CERVI, E. U; GANDIN, L. Da continuidade de Lula em 2011 ao 'novo governo' reeleito em 2015: as principais características dos discursos de posse de Dilma Rousseff ao Congresso Nacional, **Anais...** Compós, 2015.

---

<sup>21</sup> De modo sintético, *memes* são frases ou imagens engraçadas que se espalham na internet.

CORTEZ, N. *Hashtags e produção de sentidos: códigos, conteúdos e tendências no Twitter*. In: ALZAMORA, G; MENDES, C; RIBEIRO, D. **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

CUNHA, M. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do “inimigo” no caso Marco Feliciano. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 10, n. 29, set./dez. 2013.

D’ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DE DAVID, C. **Impeachment de Dilma Rousseff: análise das estratégias argumentativas em Veja e CartaCapital**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GILLESPIE, T. Platforms are not intermediaries. **GEO. L. TECH. REV.**, v. 2, p. 198-216, 2018.

GONGALVES, P; DALIP, D; REIS J; MESSIAS J; RIBEIRO F; MELO P; ARAÚJO L; BENEVENUTO, F; GONCALVES, M. A. Bazinga! Caracterizando e Detectando Sarcasmo e Ironia no Twitter. In: **Anais... IV Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining**, 2015, Recife. IV Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining, 2015.

JUSTO, A. M; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de softwares para análises lexicais. In: **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro**, 2014.

MAFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. (Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, agosto, 2001.

NICHOLS, B; KLEINA, N; MARIOTO, D; SAMPAIO, R. CPI do Circo ou CPI do Fim do Mundo? A guerra de narrativas sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito da covid-19 no YouTube, In: **Anais... ANPOCS**, 19 a 27 de outubro, 2021.

NUNES JUNIOR, A. **A judicialização da política no Brasil: Os casos das comissões parlamentares de inquérito e da fidelidade partidária**. Brasília: Edições Câmara, 2016.

OLIVEIRA, L. Análise de Texto Automatizada e Análise de Conteúdo: abordagens combinadas e apontamentos sobre a produção latino-americana. In: **Anais... X Congresso Latinoamericano de Ciencia Política, da Associação Latino-americana de Ciencias Políticas (ALACIP)**, 2019.

OLIVEIRA, V; MADEIRA, L. Judicialização da política no enfrentamento à covid-19: um novo padrão decisório do STF? **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 35, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.35.247055>

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V; OLIVEIRA, L. de (Orgs). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUÉRÉ, L. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. **Revista Caleidoscópio**, 2011.

RAMOS, M; LIMA, V; AMARAL-ROSA, M. Contribuições do software IRAMUTEQ para a Análise Textual Discursiva, **Anais...** Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ), 2018.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RECUERO, R; SOARES, F. B. O Discurso Desinformativo sobre a Cura da covid-19 no Twitter: Estudo de caso. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 24, jan./dez., 2021. DOI: doi.org/10.30962/ec.2127

SAMPAIO, R; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SCHLÖSSER, A; CAMARGO, B. Percepção sobre beleza física de estudantes da Área de Exatas e Tecnológicas. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 79-95, jul./dez., 2019. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.3281>

SILVA, J. Survey digital e mineração de dados como técnicas para pesquisa em opinião pública: um estudo de caso de líderes políticos digitais. *In: Anais...* ANPOCS, 19 a 27 de outubro, 2021.

SILVA, D. **Desenvolvendo um cenário imaginativo circense pelo brincar-e-se-movimentar da criança**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar), Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2015.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad**: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VAN DIJCK, J; POELL, T; DE WAAL, M. **The Platform Society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VENTURINI, T; BOUNEGRU, L; GRAY, J; ROGERS, R. A reality check(list) for digital methods. **New media & Society**, v. 20, n. 11, 2018.

VERNER, A; SINDERSKI, R. O uso do Twitter nas eleições de 2020: a campanha digital dos prefeituráveis sulistas, **Anais...** Compóltica, 2021.

VIANNA, L; BURGOS, M; SALLES, P. Dezessete anos de judicialização da política. **Tempo social**, 19, p. 39-85, 2007.